

Para cumprir as promessas na plenitude dos tempos (Rm 15, 18; Gl 4, 4), o Deus de Verdade (Is 65, 16) encarnou-Se; sabemos que muitos creram em Jesus Cristo, como reitera São João, após cada um de seus divinos milagres (cf. Jo 2, 11, etc.). Mas a alguns a verdade que o Filho de Deus revelava em sua pessoa (Jo 14, 6) contunuiu por demais a consciência.

Num dos principais episódios da vida do Redentor, Pôncio Pilatos fez a paradoxal interpelação: “*Quid est veritas?*”, diante da Evidência que se lhe apresentara. Através dessa pergunta, o amedrontado pretor romano procurava furtar-se da delicada situação que, num relance, lograra entrever; era a contestação de alguém que, face às exigências da Suma Verdade, abdicara da conformidade com a sua própria consciência. Tratava-se, por certo, de uma atitude representativa dos últimos estertores do mundo de então, prestes a se extinguir. Naquela situação, o impostor sentia “ao redor de si somente as ruínas nascidas dos próprios desvarios de sua razão e de seus sentidos”.<sup>1</sup>

Nessa grave e sucinta passagem da Paixão pairava, na realidade, não somente o espírito dúbio do prefeito romano, mas talvez a maior omissão — “um pecado que se faz não fazendo”<sup>2</sup> — de toda a História. Remetamo-nos aos nossos dias: haveria, porventura, alguma relação entre aquela atitude e consequente omissão, e o espírito cético cada vez mais alastrado em nossa era pós-moderna?

Com efeito, certos setores da sociedade arrastados por ambiguidades e devassidões sempre mais generalizadas têm dificuldade em especificar o que seja propriamente a verdade. Testemunhamos atônitos, em contextos diversos, o inédito paroxismo existente na contestação ou mesmo negação dos mais elementares princípios ou das mais cogentes evidências.

Ao longo de séculos as Sagradas Páginas exerceram papel preponderante na pena dos grandes autores. No auge do Medievo, encontramos a Bíblia

---

1) CORRÊA DE Oliveira, Plínio. *Quid est veritas? Legionário*, n. 64, 24 de agosto de 1930, p. 1.

2) VIEIRA, Antônio. *Sermão do Primeiro Domingo do Advento* (1650), VI (Jami Almansur Haddad, ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963, p. 108).

como fundamento epistemológico *princeps*, coroado pela constante harmonia entre fé e razão. Na era da Escolástica, estudantes provenientes dos mais longínquos quadrantes da Europa puderam contemplar a equilibrada síntese tomista acerca da verdade, ulteriormente denominada *realismo moderado*. Já a partir dos séculos XIV e XV, tendeu-se infelizmente a um exacerbado reducionismo que favorecia a razão em detrimento da fé, propiciando o *cogito* cartesiano<sup>3</sup> e, mais tarde, o *racionalismo* e o *empirismo*. Tais correntes, cada qual a seu modo, ocasionaram até mesmo o menosprezo da teologia.

Nos últimos dois séculos, passou-se do *criticismo* epistemológico kantiano e do *niilismo* nietzschiano ao recente *desconstrutivismo* de Derrida e ao *pragmatismo* de Rorty, o qual chega a defender, entre outras coisas, que “a verdade é feita e não descoberta”.<sup>4</sup>

*O que é, pois, a verdade hoje?* — Sem dúvida, os dois mil anos passados do *abluere manus* do cínico romano não enfraqueceram a atualidade da questão; é patente o quanto certas camadas da sociedade tendem a se submergir no relativismo. Não é difícil discernir uma espécie de neoceticismo defensor da inexistência da verdade ou, ainda que admitindo sua existência, a considera inacessível. Outra forma relativista, não menos problemática, sustenta o que poderíamos denominar “verdades individuais”: “Eu tenho a *minha* verdade”; ou — na esfera teológica — “eu tenho a *minha* fé”. A lógica subjacente é que cada um pode pensar (ou fazer) o que queira, conquanto não interfira na esfera alheia. Para os que possuem tal mentalidade, a verdade define-se como algo que só pode produzir o efeito desejado, ou ainda, “como no dito de William James, aquilo que para *nós* é bom acreditar”.<sup>5</sup> Não possuiria ela, portanto, objetividade ou universalidade, mas somente “fragmentos de verdade”, filhas transitórias de uma época, moda ou cultura: *veritas filia temporis* — como diziam os antigos.

Em meio a esta “ditadura do relativismo”<sup>6</sup> — conforme famosa expressão de Bento XVI —, a Epistemologia revela-se fundamental na investigação das fontes e de sua autenticidade, possibilitando o harmonioso encontro

---

3) Cf. por exemplo: DESCARTES, René. *Meditationes de prima philosophia*, I, 22 (ed. ADAM-TANNERY, Paris, 1996, vol. 7, p. 22): “Supponam igitur non optimum Deum, fontem veritatis, sed genium aliquum malignum, eundemque summe potentem et callidum, omnem suam industriam in eo posuisse, ut me falleret”.

4) RORTY, Richard. *Contingency, Irony, and Solidarity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 53.

5) Idem. *Objectivity, Relativism and Truth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 22.

6) BENTO XVI. Santa missa *Pro eligendo Romano Pontifice*, 18/4/2005.

do homem com a verdade. Tradicionalmente, afirma-se que o conhecimento é composto por crenças — ou opiniões comuns, que os gregos denominaram de *doxa* (δόξα) — que são tanto ou mais plausíveis dependendo da maior ou menor qualidade de razões para tal. Portanto, a crença é um determinado ponto de vista subjetivo, ao passo que o conhecimento é uma crença *verdadeira*, porque pode ser justificada (*episteme* — ἐπιστήμη).

Ora, uma vez abdicado o pensamento metafísico, um dos atuais erros epistemológicos está em confundir os âmbitos da ciência e da fé. Recentemente, o cientista Stephen Hawking afirmou: “Antes de entendermos a ciência, era natural crer que Deus criou o universo, mas agora a ciência oferece uma explicação mais convincente”; portanto, “não existe nenhum Deus”.<sup>7</sup> Sua lógica é curiosa: como cientista, sabe que nada pode ser alvo da ciência sem passar pelo âmbito da experiência. Poderá então a ciência demonstrar a existência ou não de Deus? Nesse sentido, já Aristóteles afirmara que a experiência apenas constata o acontecer dos fatos, ao passo que a metafísica busca a causalidade das coisas. Ou seja, os empíricos analisam simplesmente “o que acontece”, enquanto os sábios buscam “por que acontece”.<sup>8</sup> Como poderia a ciência ser circunscrita à experiência e depois, ignorando os limites desta, pretender analisar a *causa do universo*, a qual está apoditicamente fora do âmbito experimental?

Sobre os perigos do *cientificismo* já alertara a encíclica *Fides et ratio*, quando “esta concepção filosófica recusa-se a admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas, relegando, para o âmbito da pura imaginação, quer o conhecimento religioso e teológico, quer o saber ético e estético”.<sup>9</sup> Nesse sentido, há alguns anos Richard Dawkins, popular biólogo britânico, tentou provar em *The God Delusion (A desilusão de Deus)* a inexistência do Ser Supremo. O estudo cometia um nítido abuso contra a verdade ao entrar num terreno alheio às suas competências, propondo supostos argumentos científicos. Longe de oferecer um debate sério entre a ciência e a fé, fundamentava-se “na base falsa de um grosseiro erro epistemológico”.<sup>10</sup> Considerações como essa refletem o

---

7) HAWKING, Stephen. No hay ningún dios. Soy ateo: Entrevista de Pablo Jáuregui. *El mundo* (online). Disponível em: <<http://www.elmundo.es/ciencia/2014/09/21/541dbc12ca474104078b4577.html>>. Acesso em: 27 nov. 2014.

8) ARISTÓTELES. *Metaphysica*, I, 1 (981a28-30).

9) JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio*, n. 88 (2. ed. in Lisboa: Paulinas, 1998, p. 118).

10) COUTINHO, Jorge. Em torno de A desilusão de Deus, de Richard Dawkins. *Didaskalia*, 38, 2008, p. 488.

ideário secularista, detentor da bandeira da laicidade da ciência, pretendendo à *outrance* emancipá-la da religião e da metafísica, o que, no âmbito epistemológico, só manifesta a rejeição a qualquer fundamento da verdade.

Por outro lado, se toda verdade provém de Deus, e se foi Ele quem colocou no coração do homem o desejo de a conhecer (cf. Pr 8, 7), o problema com que se depara o homem de hoje é duplo: de um lado, a necessidade de um coração sincero, aberto não só a uma conformidade — a *adaequatio rei et intellectus* enunciada canonicamente pelos medievais —, mas também a uma *adaequatio Dei*, o que provavelmente faltou na atitude de Pilatos. Nesse sentido, a palavra hebraica para “verdade” — אמת (*emet*), da qual se originou o nosso “amém” — transmite com mais precisão esta ideia de *cumprimento da promessa de Deus* no contexto de uma sociedade teocrática. O outro aspecto de características nitidamente epistemológicas — expresso nitidamente pela palavra grega correspondente a verdade: ἀλήθεια, i.e., um *desvelamento* —, é a necessidade de estudar a natureza, a validade e a possibilidade de um mútuo entendimento das duas fontes do saber humano que levam à contemplação da verdade: a fé e a razão. E elas, segundo define o Doutor Angélico, não podem ter contradição entre si, pois provêm de uma só fonte, que é Deus.<sup>11</sup>

---

11) THOMAS DE AQUINO. *Summa contra gentiles*, I, VII.